

## Notas sobre ciclos de vida das famílias Termo de São José del Rei, década de 1830<sup>♥</sup>

Marina Soares Blanco<sup>\*</sup>  
Paula Martins Mello<sup>\*\*</sup>  
Mario Marcos Sampaio Rodarte<sup>\*\*\*</sup>

**Palavras-chave:** demografia histórica; listas nominativas; ciclo vital das famílias; século XIX; Minas Gerais

### Resumo:

O objetivo deste trabalho é analisar as mudanças econômicas e demográficas dos domicílios em Minas Gerais, na década de 1830, mediante estudo do ciclo vital dos domicílios. Para tanto, o presente trabalho recorre à primeira análise do banco de dados longitudinal de fogos arroladas nas listas nominativas da década de 1830, ainda em construção. Definiu-se, como recorte espacial, o termo de São José del Rei, que detinha o maior número de distritos recenseados tanto em 1831/32, quanto em 1838/40.

---

<sup>♥</sup> Trabalho apresentado no XV Encontro sobre a Economia Mineira do Centro de Desenvolvimento e Planejamento Regional (CEDEPLAR) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), realizado em Diamantina- MG, de 28 de agosto a 1º de setembro de 2012. Este estudo foi desenvolvido no Núcleo de Pesquisa em História Econômica e Demográfica do Cedeplar/UFMG no âmbito da pesquisa “O ciclo vital da família. Minas Gerais, primeira metade do século XIX”, coordenada pelo Prof. Mario M. S. Rodarte, contando com o apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq)

<sup>\*</sup> Graduanda em Relações Econômicas Internacionais – UFMG. Bolsista de Iniciação científica PIBIC/CNPq com o projeto: “O ciclo vital da família. Minas Gerais, primeira metade do século XIX” do Núcleo de Pesquisas em História Econômica e Demográfica do Cedeplar/UFMG.

<sup>\*\*</sup> Graduanda em Relações Econômicas Internacionais – UFMG. Bolsista de Iniciação científica com o projeto: “O ciclo vital da família. Minas Gerais, primeira metade do século XIX” do Núcleo de Pesquisas em História Econômica e Demográfica do Cedeplar/UFMG.

<sup>\*\*\*</sup> Doutor em Demografia e mestre em Economia pelo Cedeplar/UFMG. Professor da FACE/ UFMG e pesquisador do Núcleo de Pesquisas em História Econômica e Demográfica do Cedeplar/UFMG. E-mail: mrodarte@cedeplar.ufmg.br.

## 1. Introdução

A família é um dos principais objetos de interesse multidisciplinar nas ciências humanas. Muitos estudos de famílias se ativeram em elaborar tipologias, como Frédéric Le Play, no século XIX, e, mais recentemente, Peter Laslett e Wall (1972). Este serviu de inspiração para alguns estudos da família brasileira, a exemplo dos trabalhos de Iraci del Nero da Costa (1981) e Eni Samara (1989), que procuraram apresentar a estrutura das famílias em regiões brasileiras com base na tipologia de Laslett, com algumas adaptações metodológicas.

Contudo, pouco se sabe, até o presente, sobre o ciclo de vida das famílias brasileiras, ao modo como abordou Lutz Berkner (1972) para uma localidade da Áustria. Da constituição da família, supostamente iniciada com a união matrimonial, até seu fim, em tese, com a morte dos cônjuges, quais as formas normalmente assumidas pelas famílias? Qual a longevidade de uma família padrão? Poucas tentativas de resposta a estes questionamentos são encontradas na historiografia, com destaque para os estudos de Sérgio Nadalin (2004), com uma abordagem mais qualitativa.

O presente trabalho busca lançar luz a essa questão pela análise do primeiro banco de dados longitudinal de fogos arroladas nas listas nominativas da década de 1830. Como só poderiam entrar no referido banco de dados os distritos com dois ou mais censos, para se ter os seus estados em dois momentos do tempo, optou-se por trabalhar o termo de São José del Rei, que detinha o maior número de distritos recenseados tanto em 1831/32, quanto em 1838/40.

O trabalho, além desta introdução, se divide em mais quatro segmentos. Na próxima seção, apresenta-se o estado-da-arte do estudo sobre ciclo vital da família e procura-se caracterizar a inserção do termo de São José del Rei em Minas Gerais. Na terceira parte é apresentado o banco de dados de domicílios e os procedimentos metodológicos adotados para a pesquisa. Os resultados obtidos são mostrados na quarta seção e são seguidos da última parte, relativa às considerações finais.

## 2. Ciclo de vida das famílias e o termo de São José del Rei

### 2.1 As famílias e suas trajetórias de vida

Para se entender trajetórias de vida das famílias deve-se compreender as formas mais frequentes que elas assumiam. Na concepção de organização familiar de Le Play (1989: 507) emergiam três tipos emblemáticos de famílias: 1) a patriarcal, que era constituída pelo casal que formava o núcleo chefe e seus filhos, mesmo casados; 2) a família estirpe, que se distinguia do primeiro modelo tão somente pelo fato de apenas um filho ser eleito na sucessão do pai na chefia da família e 3) a família instável, ou nuclear, constituída pelo casal e seus filhos solteiros. Uma vez em idade adulta, estes saíam da casa paterna para constituir novos lares e, assim, a unidade familiar original feneceria com a morte dos pais (Laslett, Wall, 1972: 16-17).

Por um longo tempo, acreditou-se que a família estirpe, quando não a patriarcal, eram as constituições mais frequentes de família na Europa pré-industrial, e que gradualmente iriam perder espaço para a família instável, com o advento da industrialização e o processo de urbanização. Os trabalhos empíricos inovadores de Peter Laslett e Wall (1972), juntamente com os de outros pesquisadores que formavam o *Cambridge Group for the History of Population and Social Structure*, nas décadas de 1960 e 1970 buscaram colocar por terra essa visão de família no passado, ao se evidenciar, por exemplo, a noção de que a família estirpe, e ainda mais a patriarcal, era menos frequente do que se pensava na sociedade europeia antes do século XIX.

Por meio de uma tipologia desenvolvida a partir do conceito atual de família, Laslett demonstrou que, muito antes dos processos de urbanização e industrialização, a maior parte dos domicílios era já era composta por famílias simples ou nucleares, o que corresponderia àquela que Le Play denominava instável. Vale como exemplo a referência de que na comunidade Ealing, numa Inglaterra quase medieval (1599), 78% dos domicílios tinham essa composição “instável” e 14% tinham formas ainda menores, como os domicílios solitários (12%). Com isso, pouco menos de 10% dos domicílios tinham uma constituição mais complexa, que poderia abarcar a forma patriarcal e, também, a estirpe (Laslett, Wall, 1972: 85).

Tal debate foi enriquecido pelo trabalho seminal de Lutz Berkner (1972), que ofereceu um importante argumento contrário à visão de Peter Laslett mediante estudo de domicílios camponeses da Áustria do século XVIII. De certa forma, o autor defende a posição de Le Play em relação à relevância da família estirpe, ao menos em alguns segmentos sociais. Segundo essa concepção, as análises em que se tomavam um ponto no tempo (propiciadas, por exemplo, pelos censos demográficos) tendiam a negligenciar a importância dessa constituição de família. Mas o mesmo não se daria com um acompanhamento ao longo do tempo das famílias, posto que a família estirpe fosse, na verdade, uma fase que a maioria dos domicílios camponeses passaria, embora pouco duradoura, já que o tempo de convívio de gerações era limitado pela baixa expectativa de vida da população.

Independente das constatações sobre famílias na Europa pré-industrial, o foco de interesse é as implicações dessa forma de abordagem pouco explorada em documentos censitários, que é o estudo longitudinal, como meio para se estudar o ciclo vital de pessoas e famílias. Deve-se considerar como um estudo pioneiro dessa metodologia de reconstrução dos domicílios o empreendido por Godoy (1992), para o caso das listas nominativas de Minas Gerais e de Costa e Nozoe (1991), para as listas nominativas da província de São Paulo.

A análise empreendida por Costa e Nozoe (1991) distancia-se um pouco da trajetória familiar ao passo que foca no comportamento dos responsáveis pela elaboração das listas nominativas enfatizando, principalmente, este frente à variável idade. Entretanto, faz-se de notória a importância do estudo à medida que conclui que as idades constantes das listas nominativas sofrem atualização e levantamento de fatos. Além disto, tal estudo deixa claro a tendência dos recenseadores de imputar ou declinar as idades dando certa preferência a números terminados em zero, cinco ou números pares, o que servirá de direcionamento para a linkagem de dados feita nesta pesquisa.

Como já citado anteriormente, o presente estudo, irá se basear na análise no Termo de São José, por seu maior ‘arsenal’ de listas, concedendo uma esfera maior para comparações. Além disso, será possível perceber que essa análise abrange mais categorias de comparações entre os censos, do que os daqueles autores, tais como tamanho dos fogos, ocupação dos chefes, entre outros.

## **2.2 O termo de São José del Rei, no início da década de 1830**

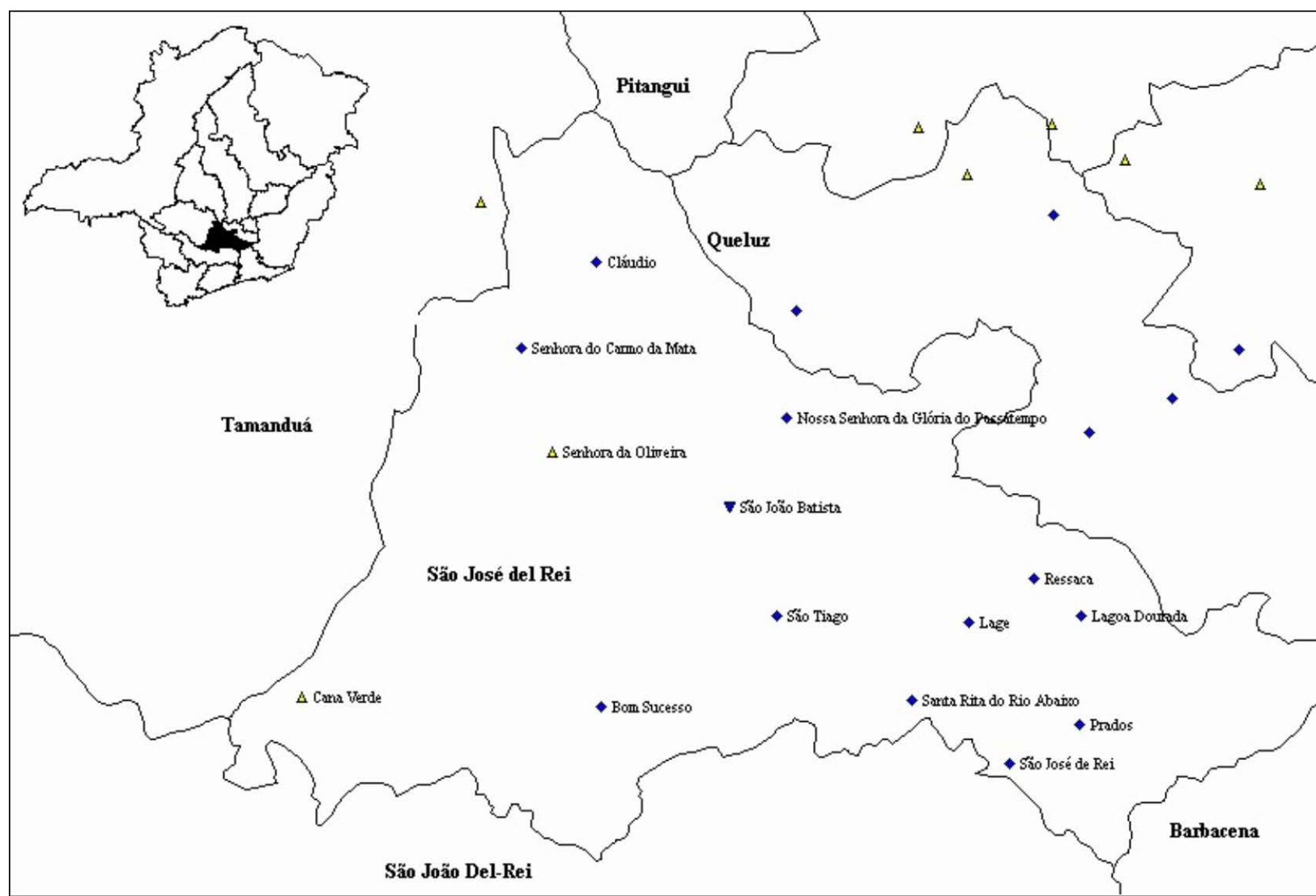
Não é exaustivo o relato do viajante Saint-Hilaire sobre a Vila de São José del Rei, sede do termo do mesmo nome. O autor destacava a boa aparência das casas, “muito bonitas” e, seu apreço pelo tamanho da igreja paroquial, além de situar a vila entre “a margem do Rio das Mortes e abaixo das montanhas de S. José.” (Saint-Hilaire, 1974: 116).

Vale destacar, contudo, que a estrutura econômica do distrito de S. José baseou-se, de início, na extração do ouro. Entretanto, foi a produção agropastoril que se destacou em toda a Vila, e a produção de subsistência, deixou de ser apenas para este fim e expandiu para o comércio já que passou a ser rentável, principalmente ao passo que a cidade de São José começou a entrar em decadência com o esgotamento dos minerais preciosos.

O termo de São José del Rei (Mapa 1), por sua vez, constituía a porção sudoeste da região Intermediária de Pitangui e Tamanduá, elaborada por Godoy (1996). A economia apresentava um caráter bastante diversificado e ativo. Na agricultura destacava-se os cultivos de algodão e fumo. Na pecuária, concentrava-se esforços na produção de suínos; mas tendo ainda destaque a criação de gado vacum. Havia também o cultivo de mantimentos (feijão, arroz, milho) cuja produção atuava no sentido de conferir certa autonomia à região e outros (cavalos, carneiros e queijo) cuja produção para o mercado merecia algum destaque, uma vez que seu caráter nitidamente comercial os torna geradores de riqueza.

Tais fatores demonstram a grande diversidade econômica da região destacando sua grande relevância no estado, motivo pelo qual pode-se explicar a grande precisão e o tamanho dos censos da década de 1830, quando comparado com os de outras regiões.

Mapa 1 – Termo de São José del Rei – Minas Gerais – 1830



### **3. O banco de dados longitudinal de famílias**

A base metodológica empregada para a realização desta pesquisa foram as listas nominativas referentes aos censos realizados nos anos de 1831 e 1838, pertencentes ao acervo do Arquivo Público Mineiro (APM). O trabalho foi favorecido pelo fato de tais listas nominativas já estarem digitalizadas. Elas trazem as populações dos distritos divididas em fogos, e com as informações arroladas por habitante. O nome, idade, qualidade (cor), estado (civil), condição (escravo, livre, alforriado ou quartado), chegando, em alguns casos, obter a relação do morador com o chefe do fogo. Vale ressaltar que no censo de 1838, algumas localidades já levam em conta se os moradores sabem, ou não, ler e escrever, uma informação inédita para Minas Gerais.

A realização de tais censos deu-se em cumprimento de uma lei decretada pelo presidente da província com o intuito de melhor reconhecer seu território e suas divisas. Era de responsabilidade do juiz de paz de cada região realizá-lo. Para o levantamento desses dados, exceto nos casos em que o número de fogos a ser consultado fosse pequeno, eram disponibilizados, para cada quarteirão, os chamados inspetores de quarteirão. Os termos de cada distrito, tanto de abertura quanto de encerramento, em sua maioria, trazem informações sobre suas dimensões, suas fronteiras, a quantidade de fogos, de habitantes, de escravos em cada fogo.

Foi possível demarcar listas nominativas coincidentes de em 89 distritos (existentes em 1831 e 1838) no território da província de Minas Gerais. Em tese, nada garante a exata coincidência de cobertura espacial entre os levantamentos demográficos. Contudo, a informação sobre os limites geográficos dos distritos de paz de 1838, contidos em seus respectivos termos de abertura e/ou fechamento das listas nominativas garantiu uma maior segurança na atividade de detectar os distritos comparáveis. A partir desse ponto, tornou-se possível analisar cada par de listas nominativas (Mapa 2).

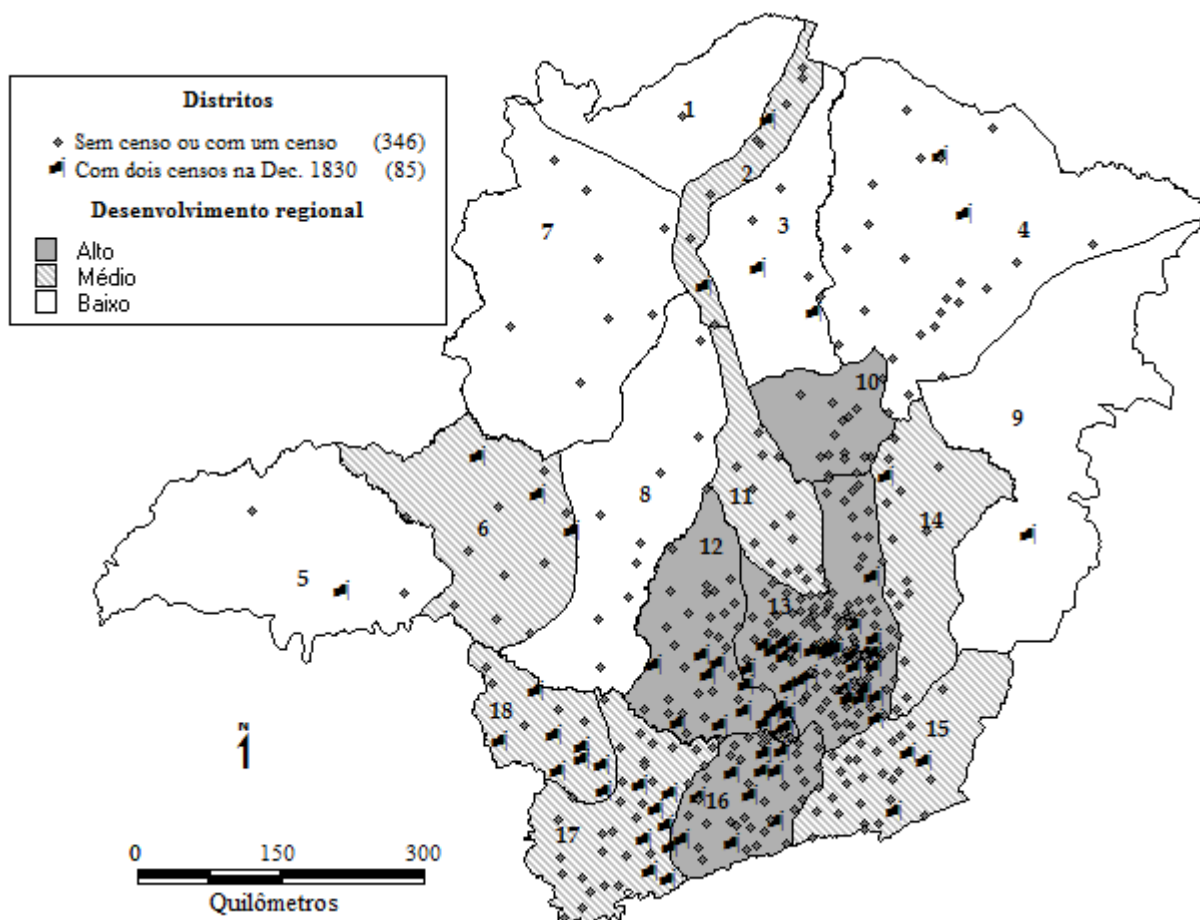
Após se ter compilado e analisado os termos de abertura e fechamento de 1838, foi desenvolvido um software para facilitar o manuseio dos dados dos domicílios contidos nas listas, o qual chamamos de Ciclos Familiares. A função básica do sistema é a de transpor os dados referentes aos fogos de 1838 com os de 1831, tomando como referência primeiramente o chefe do fogo, depois as viúvas. Analisando os fogos que eram chefiados pelo mesmo chefe ou sua viúva, podemos ter uma idéia longitudinal das mudanças ocorridas na família e na economia.

Entretanto, devido a grande quantidade de dados e a precisão da pesquisa, optou-se pela explicitação de apenas um segmento dos dados, que seria o recorte do Termo de São José del Rei. Tal termo tem como município principal a Vila de São José (atual Tiradentes). Os dados desenvolvidos pelo software, foram depois estudados no SPSS para a formulação das tabelas para melhor apresentar os resultados. Para uma melhor observação regional e não somente local, realizou-se estudos não somente da sede do termo mas de 15 distritos de paz que incorporam a Vila de São José, observados no primeiro Mapa.

Nas próximas etapas da pesquisa, pretende-se estudar mais qualitativamente cada um desses 89 municípios para a realização de uma linha cronológica das famílias nesse período, analisando a economia e a demografia de Minas Gerais, no seu conjunto.

Por hora, conseguiu-se formular alguns exemplos, de São José, que mostram como os resultados podem ser obtidos a partir da constituição desse banco de dados e, as possíveis comparações que podem ser feitas, abrangendo variáveis campos de estudo.

Mapa 2 – Distritos de paz – Minas Gerais – Década de 1830



#### 4. Trajetórias das famílias no termo de São José

O processo de reconstituição domicílios no corpus documental de 1831/32 e de 1838/40 consistiu, primeiramente, em fazer a ligação (ou “*linkagem*”) dos fogos que possuíam os mesmos chefes nos dois períodos seguidos também a construção da correspondência por nome da conjuge do chefe em 1838/40, em casos de viuvez do mesmo no período após o primeiro censo até o seguinte.

Processando estes dados sem nenhuma especificação, em um primeiro momento, encontramos 35 e 40% listas nominativas coincidentes de 1838/40 e 1831/32, respectivamente (Tabela 1). Observou-se que grande parte do crescimento da população livre do período ocorreu mais entre aqueles fogos sem identificação nos dois momentos, uma vez que o crescimento de livres nestes foi de 16,6%, ao passo que entre os fogos identificados, o crescimento foi cerca de metade deste ritmo. Tal comportamento pode ter-se dado em decorrência de movimentos migratórios já que a década de 1830 inicia em meio a grandes mudanças econômicas que atingem bastante esta região.

Já entre os fogos escravistas, observou-se o contrário, na medida em que o crescimento da população escrava ocorreu, sobretudo, em domicílios identificados. No sentido oposto, os domicílios não identificados reduziram em 13,2% seu contingente de cativos (com diminuição de 709 indivíduos). Por trás disso, sugere-se que os domicílios com o mesmo chefe nos dois momentos (ou com o ex-cônjuge viúvo), sejam domicílios mais estáveis, com maior capacidade de acumulação e menor vulnerabilidade social, e, logicamente, com melhores condições de recompor e ampliar o seu plantel de escravos.

**Tabela 1 – Distribuição dos fogos e população, por levantamento censitário, segundo identificação Minas Gerais, Termo de São José del Rei, década de 1830**

Fogos e população	1831/32		1838/40		Crescimento	
	N.	%	N.	%	Absoluto	Percentual
<b>Fogos</b>	<b>3.464</b>	<b>100,0</b>	<b>3.884</b>	<b>100,0</b>	<b>420</b>	<b>12,1</b>
Identificados	1.384	40,0	1.384	35,6	0	0,0
Não identificados	2.080	60,0	2.500	64,4	420	20,2
<b>População livre</b>	<b>14.519</b>	<b>100,0</b>	<b>16.385</b>	<b>100,0</b>	<b>1.866</b>	<b>12,9</b>
Identificados	6.487	44,7	7.018	42,8	531	8,2
Não identificados	8.032	55,3	9.367	57,2	1.335	16,6
<b>População escrava</b>	<b>10.258</b>	<b>100,0</b>	<b>10.445</b>	<b>100,0</b>	<b>187</b>	<b>1,8</b>
Identificados	4.894	47,7	5.790	55,4	896	18,3
Não identificados	5.364	52,3	4.655	44,6	-709	-13,2
<b>População total</b>	<b>24.777</b>	<b>100,0</b>	<b>26.830</b>	<b>100,0</b>	<b>2.053</b>	<b>8,3</b>
Identificados	11.381	45,9	12.808	47,7	1.427	12,5
Não identificados	13.396	54,1	14.022	52,3	626	4,7

Fonte dos dados básicos: APM - Listas nominativas da década de 1830.

**Tabela 2 - Número médio de livres e escravos nos domicílios, por levantamento censitário, segundo identificação. Minas Gerais, Termo de São José del Rei, década de 1830**

Fogos e população	1831/32		1838/40		Variação da média	
	Média	Desv. Padrão	Média	Desv. Padrão	Absoluto	Percentual
<b>Média de livres</b>	<b>4,2</b>	<b>2,8</b>	<b>4,2</b>	<b>2,7</b>	<b>0,0</b>	<b>0,7</b>
Identificados	4,7	2,9	5,1	3,1	0,4	8,2
Não identificados	3,9	2,7	3,7	2,3	-0,1	-3,0
<b>Média de escravos (*)</b>	<b>7,6</b>	<b>11,8</b>	<b>7,4</b>	<b>10,9</b>	<b>-0,2</b>	<b>-3,1</b>
Identificados	7,7	10,7	9,0	12,5	1,3	16,7
Não identificados	7,6	12,8	6,1	9,3	-1,5	-20,0

Fonte dos dados básicos: APM - Listas nominativas da década de 1830. (\*) Apenas fogos escravistas em 1831/32 e/ou 1838/40



Apesar de decorrido apenas cerca de sete anos entre os dois arrolamentos censitários, pode-se perceber grandes mudanças dos domicílios (o que justifica a relativamente baixa percentagem de fogos identificados em dois pontos do tempo), mas percebe-se também o fato de poucos domicílios passarem esse tempo sem alterar o número de integrantes (Tabela 3). Entre os livres, isso só ocorreu com cerca de ¼ dos fogos. Por sua vez, entre os fogos que eram escravistas em 1831/32 e/ou em 1838/40, o tamanho do plantel de cativos manteve-se estável para apenas 20,1% do total. Nos livres tivemos uma variação positiva de 602 e nos cativos de 373, enquanto a variação negativa foi de 425 e 188 para livres e cativos, respectivamente.

**Tabela 3 – Distribuição de fogos por variação do número de membros livres e cativos entre 1831/32 e 1838/40. Minas Gerais, Termo de São José del Rei, década de 1830**

Faixas de variação de livres e escravos	Livres		Escravos (*)	
	N	%	N	%
<b>Total</b>	<b>1.384</b>	<b>100,0</b>	<b>702</b>	<b>100,0</b>
3 ou mais pessoas a menos	143	10,3	71	10,1
Decréscimo de 1 a 2 pessoas	282	20,4	117	16,7
Número inalterado	357	25,8	141	20,1
Acréscimo de 1 a 2 pessoas	355	25,7	186	26,5
3 ou mais pessoas a mais	247	17,8	187	26,6

Fonte dos dados básicos: APM - Listas nominativas da década de 1830.

(\*) Apenas fogos escravistas em 1831/32 e/ou 1838/40

Os dados mostram uma correlação positiva entre o crescimento de livres no domicílio e o de cativos (Tabela 4). Tal fenômeno pode ser justificado pela coincidência do momento de maior reprodução biológica com o da geração de mais excedentes econômicos. A produção de subsistência passa a ser, de certa forma, rentável, fazendo com que a economia ficasse mais dinâmica e rica, favorecendo os setores de manufaturas como o caso do algodão que era bastante expressivo na região.

**Tabela 4 - Distribuição de fogos escravistas (\*), segundo variação do número de cativos, por variação de livres, entre 1831/32 e 1838/40. Minas Gerais, Termo de São José del Rei, década de 1830**

	Faixas de variação de pessoas	Total		Variação do número de cativos				
		N.	%	- 3 ou mais pessoas	- 1 a 2 pessoas	Inalterado	+ 1 a 2 pessoas	+ 3 ou mais pessoas
	<b>Total</b>	<b>702</b>	<b>100,0</b>	<b>10,1</b>	<b>16,7</b>	<b>20,1</b>	<b>26,5</b>	<b>26,6</b>
Variação do número de livres	3 ou mais pessoas a menos	71	100,0	27,8	23,3	15,6	15,6	17,8
	Decréscimo de 1 a 2 pessoas	117	100,0	16,1	20,2	17,7	27,4	18,5
	Número inalterado	141	100,0	4,8	21,9	26,7	26,7	19,9
	Acréscimo de 1 a 2 pessoas	186	100,0	8,5	14,7	21,5	26,6	28,8
	3 ou mais pessoas a mais	187	100,0	2,4	7,9	17,0	31,5	41,2

Fonte dos dados básicos: APM - Listas nominativas da década de 1830. (\*) Apenas fogos escravistas em 1831/32 e/ou 1838/40

Percebe-se que grande parte do crescimento de livres ocorre entre fogos chefiados por homens, em especial, quando estes eram mais jovens, entre 10 e 39 anos. Podemos associar tal evidência ao fato da sociedade mineira ser bastante patriarcal, o que pode justificar o relevante número de homens chefiando os fogos. Enquanto o número de chefes mulheres não é tão representativo, notando-se até uma variação negativa neste dado.

Na análise de chefes masculinos tem-se uma representatividade proporcionalmente maior entre os chefes de 30 a 59 anos comparados ao das mulheres chefes que se dão em maior proporção a partir dos 40 anos. O que pode ser explicado pelo fato de no caso dos homens a expectativa de vida não ser mais elevada que a das mulheres. Acresce a isso o fato de que era comum as mulheres passarem a chefiar os fogos em caso de viuvez, quando já tinham idade mais avançada.

**Tabela 5 – Distribuição de fogos , por sexo e faixa etária do chefe, e número médio e variação média de livres, entre 1831/32 e 1838/40. Minas Gerais, Termo de São José del Rei, década de 1830**

Sexo e faixas etárias dos chefes em 1831/32	Total de fogos		Número de livres						
	N.	%	1831/32				Variação entre 1831/32 e 1838/40		
			Média	Desvio Padrão	Total		Média	Desvio Padrão	Total
					N.	%			
<b>Total</b>	<b>1.384</b>	<b>100,0</b>	<b>4,7</b>	<b>2,9</b>	<b>6.487</b>	<b>100,0</b>	<b>0,4</b>	<b>2,5</b>	<b>531</b>
10-29	214	15,5	3,3	1,5	706	10,9	1,6	1,9	351
30-39	322	23,3	4,7	2,5	1.502	23,2	1,1	2,2	344
40-49	356	25,7	5,1	3,1	1.818	28,0	0,2	2,6	69
50-59	297	21,5	5,3	3,4	1.569	24,2	-0,5	2,5	-145
60-	193	13,9	4,6	3,3	882	13,6	-0,5	2,8	-96
S. inf.	2	0,1	-	-	10	0,2	-	-	8
<b>Homens chefes</b>	<b>1.042</b>	<b>100,0</b>	<b>5,0</b>	<b>3,0</b>	<b>5.256</b>	<b>100,0</b>	<b>0,6</b>	<b>2,6</b>	<b>574</b>
10-29	178	17,1	3,4	1,6	598	11,4	1,8	1,9	322
30-39	250	24,0	4,9	2,6	1.237	23,5	1,3	2,2	329
40-49	266	25,5	5,6	3,1	1.500	28,5	0,3	2,7	80
50-59	220	21,1	5,7	3,5	1.251	23,8	-0,4	2,5	-77
60-	126	12,1	5,2	3,4	660	12,6	-0,7	3,0	-88
S. inf.	2	0,2	-	-	10	0,2	-	-	8
<b>Mulheres chefes</b>	<b>342</b>	<b>100,0</b>	<b>3,6</b>	<b>2,4</b>	<b>1.231</b>	<b>100,0</b>	<b>-0,1</b>	<b>2,1</b>	<b>-43</b>
10-29	36	10,5	3,0	1,1	108	8,8	0,8	1,6	29
30-39	72	21,1	3,7	2,0	265	21,5	0,2	1,8	15
40-49	90	26,3	3,5	2,2	318	25,8	-0,1	2,2	-11
50-59	77	22,5	4,1	3,1	318	25,8	-0,9	2,4	-68
60-	67	19,6	3,3	2,6	222	18,0	-0,1	2,1	-8
S. inf.	-	-	-	-	-	-	-	-	-

Fonte dos dados básicos: APM - Listas nominativas da década de 1830.

Analisando os fogos escravistas, percebemos que grande parte do crescimento de escravos ocorre entre fogos chefiados por homens, em especial, quando estes eram mais jovens, entre 10 e 39 anos, tal como também ocorre com os livres.

O que pode justificar esta grande diferença entre a quantidade de escravos nos fogos chefiados por homens dos chefiados por mulheres é que na maioria dos casos os fogos que eram chefiados por mulheres eram fogos autônomos direcionado, na maioria das vezes, para o comércio e produção de manufaturas.

**Tabela 6 – Distribuição de fogos , por sexo e faixa etária do chefe, e número médio e variação média de livres, entre 1831/32 e 1838/40. Minas Gerais, Termo de São José del Rei, década de 1830**

Sexo e faixas etárias dos chefes em 1831/32	Total de fogos		Número de escravos						
	N.	%	1831/32				Variação entre 1831/32 e 1838/40		
			Média	Desvio Padrão	Total		Média	Desvio Padrão	Total
					N.	%			
<b>Total</b>	<b>702</b>	<b>100,0</b>	<b>7,0</b>	<b>10,4</b>	<b>4.894</b>	<b>100,0</b>	<b>1,3</b>	<b>6,4</b>	<b>896</b>
10-29	98	14,0	3,1	4,1	303	6,2	1,9	5,2	187
30-39	144	20,5	5,1	7,9	740	15,1	1,9	5,6	279
40-49	186	26,5	7,7	12,8	1.440	29,4	1,9	6,7	349
50-59	164	23,4	7,4	8,2	1.210	24,7	0,2	3,9	36
60-	109	15,5	11,0	13,6	1.201	24,5	-0,2	7,2	-26
S. inf.	1	0,1	-	-	0	0,0	-	-	0
<b>Homens chefes</b>	<b>568</b>	<b>100,0</b>	<b>7,2</b>	<b>10,9</b>	<b>4.098</b>	<b>100,0</b>	<b>1,4</b>	<b>6,6</b>	<b>819</b>
10-29	89	15,7	3,2	4,2	287	7,0	1,9	5,3	171
30-39	126	22,2	5,5	8,4	689	16,8	2,0	5,9	252
40-49	154	27,1	8,5	13,8	1.308	31,9	2,0	7,1	301
50-59	126	22,2	7,4	7,6	936	22,8	0,4	3,9	53
60-	72	12,7	12,2	15,1	878	21,4	-0,4	6,6	-29
S. inf.	1	0,2	-	-	0	0,0	-	-	71
<b>Mulheres chefes</b>	<b>134</b>	<b>100,0</b>	<b>5,9</b>	<b>8,1</b>	<b>796</b>	<b>100,0</b>	<b>0,6</b>	<b>5,6</b>	<b>77</b>
10-29	9	6,7	1,8	2,0	16	2,0	1,8	3,9	16
30-39	18	13,4	2,8	1,9	51	6,4	1,5	3,3	27
40-49	32	23,9	4,1	4,5	132	16,6	1,5	4,8	48
50-59	38	28,4	7,2	9,9	274	34,4	-0,4	3,9	-17
60-	37	27,6	8,7	10,0	323	40,6	0,1	8,4	3
S. inf.	-	-	-	-	-	-	-	-	-

Fonte dos dados básicos: APM - Listas nominativas da década de 1830. (\*) Apenas fogos escravistas em 1831/32 e/ou 1838/40

Num total de 702 fogos escravistas, analisando o sexo e a faixa etária dos chefes dos fogos (fogos escravistas em 31, e/ou em 38, ou em ambos os períodos) percebeu-se que entre 10 e 59 anos a variação do numero de escravos foi positiva, corroborando com aumento desses durante esse período. Tal fato pode ser explicado pelo aumento da população escrava da época motivado principalmente pelo crescente dinamismo econômico. Pode-se dizer que a estrutura econômica da época conduzia a uma estrutura familiar na qual o homem se casava, constituía seu fogo e, iniciava uma produção, que, na maioria dos casos, aumentava com o passar do tempo requerendo uma maior quantidade de mão de obra, justificando o aumento no número de escravo. Percebe-se então que a maioria das famílias na região eram famílias simples ou nucleares como classificadas por Laslett.

Entretanto ao analisar as tabelas separadamente, por sexo dos chefes não chegamos a resultados tão precisos assim, os resultados sofrem grandes oscilações. Os homens chefe dentro das faixas de 10 a 49 contam com uma variação positiva do número de escravos juntamente com o aumento desses nas famílias, mas a partir desta faixa a variação continua positiva, mas a media de 49 a 59 é menor, que a anterior, de 8 para 7 e, na faixa etária seguinte a quantidade de escravos é bem relevante, cerca de 13, mesmo com a menor variação avaliada esperada para tal, este último dado não pode ser avaliado estritamente já que o pequeno número de fogos direcionados por chefes com mais de 60 anos pode interferir no resultado.

Nessa parte da análise pode-se ressaltar o fato de que até então foram analisados somente os casos de mesmo chefe dos fogos e de viúvas, o que pode ser a causa de tais resultados divergentes com o geral referentes aos homens chefes.

Já se percebe uma maior pertinência entre a tabela de mulheres chefes com a geral.

São José era um dos municípios mais urbanizados da época. Como já citado anteriormente, pela descrição de Marcelo Godoy (1996), a produção econômica da região na época era baseada na agricultura e pecuária (algodão, fumo, suínos). Isso pode ser causa de o maior número de fogos serem os rurais (778 contra 400 urbanos). Ou seja, a maior concentração entorno dos distritos eram de fogos rurais (Tabela 7).

**Tabela 7 - Distribuição de fogos , por localização e tamanho do núcleo urbano, e número médio e variação média de livres, entre 1831/32 e 1838/40. Minas Gerais, Termo de São José del Rei, década de 1830**

Localização do fogo e tamanho do núcleo urbano em 1831/32	Total de fogos		Número de livres						
	N.	%	1831/32				Variação entre 1831/32 e 1838/40		
			Média	Desvio Padrão	Total		Média	Desvio Padrão	Total
					N.	%			
<b>Total</b>	<b>1.384</b>	<b>100,0</b>	<b>4,7</b>	<b>2,9</b>	<b>6.487</b>	<b>100,0</b>	<b>0,4</b>	<b>2,5</b>	<b>531</b>
200 a 499 fogos	123	8,9	4,9	2,6	607	9,4	0,6	2,1	78
75 a 199 fogos	837	60,5	4,8	3,1	4.001	61,7	0,3	2,7	253
Até 74 fogos	218	15,8	4,7	3,2	1.028	15,8	0,3	2,5	74
S/ inf. (*)	206	14,9	4,1	2,3	851	13,1	0,6	2,1	126
<b>Fogos urbanos</b>	<b>400</b>	<b>100,0</b>	<b>4,5</b>	<b>2,8</b>	<b>1.807</b>	<b>100,0</b>	<b>0,3</b>	<b>2,1</b>	<b>117</b>
200 a 499 fogos	66	16,5	4,4	2,3	288	15,9	0,5	2,1	36
75 a 199 fogos	245	61,3	4,6	2,9	1.137	62,9	0,2	2,2	37
Até 74 fogos	89	22,3	4,3	2,7	382	21,1	0,5	2,0	44
<b>Fogos rurais</b>	<b>778</b>	<b>100,0</b>	<b>3,6</b>	<b>2,4</b>	<b>3.829</b>	<b>100,0</b>	<b>0,4</b>	<b>2,8</b>	<b>288</b>
200 a 499 fogos	57	7,3	5,6	2,9	319	8,3	0,7	2,2	42
75 a 199 fogos	592	76,1	4,8	3,1	2.864	74,8	0,4	2,8	216
Até 74 fogos	129	16,6	5,0	3,4	646	16,9	0,2	2,8	30
<b>S/ inf. (*)</b>	<b>206</b>	<b>100,0</b>	<b>4,1</b>	<b>2,3</b>	<b>851</b>	<b>100,0</b>	<b>0,6</b>	<b>2,1</b>	<b>126</b>

Fonte dos dados básicos: APM - Listas nominativas da década de 1830.

(\*) Ausência de informação do tamanho do núcleo e dos fogos a ele pertencentes.

Agora, analisando-se o tamanho do núcleo urbano dos fogos tem-se que, tanto nos urbanos quanto nos rurais, os números mais relevantes são dentre a faixa de 75 a 199 fogos, seguidos dos de até 74 fogos<sup>1</sup>. Percebe-se que a variação de 1831 para 1838, em todos os casos analisados, é positiva, ou seja, o número de livres aumentou de um período para outro para todos os atributos analisados sendo que no núcleo maior, Oliveira, e nos distritos menos urbanos, o crescimento foi relativamente maior. Não se pôde observar uma diferenciação entre as áreas urbanas e rurais dos distritos, posto que os livres nos fogos urbanos haviam crescido, em média, 0,9% ao ano, e os rurais, 1,0% a.a.

A Tabela 8, de certa forma, completa a análise da Tabela anterior, ao representar a evolução do número de escravos tomando apenas os fogos escravistas (no início e/ou ao final do período), tanto os rurais quanto os urbanos. No mesmo sentido, essa mostra que o número de fogos rurais é superior aos urbanos. Entretanto as variações nessa segunda Tabela são mais destacadas em relação a primeira, mostrando que o número de escravos nos fogos cresceu de forma mais acelerada que os livres (2,4% a. a. e 1,1% a. a., respectivamente).

Em que pese os núcleos urbanos concentrarem uma menor proporção de escravos, era ali que seu número crescia mais intensamente que no campo (2,7% a. a. e 2,3% a. a. respectivamente). O maior índice de variação foi nos fogos rurais de menores núcleos urbanos, indicando o

<sup>1</sup> Tinham entre 75 e 119 fogos nos respectivos povoados os distritos de Lagoa Dourada, Passatempo, Cláudio, Prados, Bom Sucesso e a própria vila de S. José del Rei. Apenas Oliveira tinha uma concentração maior de domicílios no povoado. Os povoados menores, de até 74 fogos, referiam-se aos distritos de Sta. Rita do Rio Abaixo, Lage, S. Tiago e S. João Batista. Os distritos de Ressaca, Carmo da Mata e Cana Verde não contavam com a informação do tamanho do núcleo urbano.

desenvolvimento uma multiplicidade maior de trajetórias do tamanho dos plantéis de escravos. A predominância de núcleos urbanos médios, com 75 a 199 fogos – tanto na Tabela 8 como na 7 – pode ser entendida pela diversificação econômica e interiorização cada vez maior da região.

**Tabela 8 - Distribuição de fogos escravistas (\*), por localização e tamanho do núcleo urbano, e número médio e variação média de escravos, entre 1831/32 e 1838/40. Minas Gerais, Termo de São José del Rei, década de 1830**

Localização do fogo e tamanho do núcleo urbano em 1831/32	Total de fogos		Número de escravos						
	N.	%	1831/32				Variação entre 1831/32 e 1838/40		
			Média	Desvio Padrão	Total		Média	Desvio Padrão	Total
					N.	%			
<b>Total</b>	<b>702</b>	<b>100,0</b>	<b>7,0</b>	<b>10,4</b>	<b>4.894</b>	<b>100,0</b>	<b>1,3</b>	<b>6,4</b>	<b>896</b>
200 a 499 fogos	77	11,0	7,3	9,0	565	11,5	1,5	4,5	113
75 a 199 fogos	424	60,4	6,7	10,6	2.841	58,1	1,3	6,8	535
Até 74 fogos	117	16,7	8,6	12,1	1.001	20,5	1,2	7,6	146
S/ inf. (**)	84	12,0	5,8	7,8	487	10,0	1,2	4,2	102
<b>Fogos urbanos</b>	<b>182</b>	<b>100,0</b>	<b>5,9</b>	<b>12,1</b>	<b>1.075</b>	<b>100,0</b>	<b>1,2</b>	<b>6,5</b>	<b>221</b>
200 a 499 fogos	34	18,7	5,3	5,3	181	16,8	1,4	3,8	49
75 a 199 fogos	113	62,1	6,4	14,1	726	67,5	1,2	7,5	132
Até 74 fogos	35	19,2	4,8	9,9	168	15,6	1,1	5,0	40
<b>Fogos rurais</b>	<b>436</b>	<b>100,0</b>	<b>7,6</b>	<b>10,0</b>	<b>3.332</b>	<b>100,0</b>	<b>1,3</b>	<b>6,8</b>	<b>573</b>
200 a 499 fogos	43	9,9	8,9	10,9	384	11,5	1,5	5,0	64
75 a 199 fogos	311	71,3	6,8	9,0	2.115	63,5	1,3	6,5	403
Até 74 fogos	82	18,8	10,2	12,7	833	25,0	1,3	8,4	106
<b>S/ inf. (**)</b>	<b>84</b>	<b>100,0</b>	<b>5,8</b>	<b>7,8</b>	<b>487</b>	<b>100,0</b>	<b>1,2</b>	<b>4,2</b>	<b>102</b>

Fonte dos dados básicos: APM - Listas nominativas da década de 1830. (\*) Apenas fogos escravistas em 1831/32 e/ou 1838/40

(\*\*) Ausência de informação do tamanho do núcleo e dos fogos a ele pertencentes.

Analisando-se a ocupação dos chefes dos fogos em 1831/32, tem-se a predominância de chefes relacionados com a agropecuária (36%), o que reflete a economia da época (produção de fumo, algodão, suínos, etc.) e, como analisado anteriormente, os fogos eminentemente rurais tinham a maior quantidade de indivíduos, de livres, mas, sobretudo, de escravos, o que também pode ser analisado pela Tabela 9 e 10. Além de responderem por uma parcela maior de todos os domicílios, os fogos que desempenhavam atividades agropastoris comportavam, em média, um número maior de pessoas. A natureza mais numerosa dos fogos deve encontrar justificativa pelas funções que as unidades domésticas assumiam naquela época. Para o fogo rural, o maior número de membros visava, entre outras coisas, compensar a incapacidade de se especializar no trabalho, dado que, muitas vezes, era distante fisicamente de uma economia urbana e mais complexa.

Na evolução demográfica ao longo do período, o crescimento do segmento agricultor e pecuário não surpreendeu, pois manteve um crescimento próximo da média, tanto para livres, quanto para cativos (1,2% a. a. e 2,0% a. a.). Nesse quesito, destaque coube aos fogos comerciantes, quanto ao crescimento de livres (2,6% a. a.) e aos fogos chefiados por artífices, com relação ao crescimento de escravos (4,1% a. a.). Novamente, as funções dos fogos podem estar por trás dessas variações.

**Tabela 9 – Distribuição de fogos por setor de atividade econômica do chefe, e número médio e variação de livres, entre 1831/32 e 1838/40. Minas Gerais, Termo de São José del Rei, década de 1830.**

Setor de atividade do chefe em 1831/32	Total de fogos		Número de livres						
	N.	%	1831/32				Variação entre 1831/32 e 1838/40		
			Média	Desvio Padrão	Total		Média	Desvio Padrão	Total
					N.	%			
<b>Total</b>	<b>1.384</b>	<b>100,0</b>	<b>4,7</b>	<b>2,9</b>	<b>6.487</b>	<b>100,0</b>	<b>0,4</b>	<b>2,5</b>	<b>531</b>
S/ inf.	184	13,3	4,0	2,6	739	11,4	0,4	2,1	70
Agropecuária	504	36,4	5,3	3,1	2.691	41,5	0,5	2,8	229
Mineração	16	1,2	2,3	1,1	37	0,6	0,1	3,4	1
Atividades manuais e mecânicas	372	26,9	4,4	2,7	1.620	25,0	0,1	2,2	42
Comerciante	111	8,0	4,6	3,2	512	7,9	0,9	2,7	101
Outras ocupações	187	13,5	4,5	3,0	843	13,0	0,5	2,4	95
Desocupado	10	0,7	4,5	3,0	45	0,7	-0,7	1,5	-7

Fonte dos dados básicos: APM - Listas nominativas da década de 1830

**Tabela 10 – Distribuição de fogos escravistas (\*), por setor de atividade econômica do chefe, e número médio e variação média de livres, entre 1831/32 e 1838/40. Minas Gerais, Termo de São José del Rei, década de 1830.**

Setor de atividade do chefe em 1831/32	Total de fogos		Número de escravos						
	N.	%	1831/32				Variação entre 1831/32 e 1838/40		
			Média	Desvio Padrão	Total		Média	Desvio Padrão	Total
					N.	%			
<b>Total</b>	<b>702</b>	<b>100,0</b>	<b>7,0</b>	<b>10,4</b>	<b>4.894</b>	<b>100,0</b>	<b>1,3</b>	<b>6,4</b>	<b>896</b>
S/ inf.	70	10,0	2,9	2,7	204	4,2	1,7	8,6	121
Agropecuária	369	52,6	9,7	13,0	3.586	73,3	1,4	6,8	532
Mineração	5	0,7	3,8	2,4	19	0,4	2,0	7,6	10
Atividades manuais e mecânicas	126	17,9	3,2	3,2	404	8,3	1,0	5,2	130
Comerciante	85	12,1	5,6	7,1	477	9,7	1,0	5,3	89
Outras ocupações	47	6,7	4,3	5,0	204	4,2	0,3	3,7	14
Desocupado	0	0,0	-	-	0	0,0	-	-	0

Fonte dos dados básicos: APM - Listas nominativas da década de 1830. (\*) Apenas fogos escravistas em 1831/32 e/ou 1838/40

Segundo a tipologia de domicílios desenvolvida por Rodarte (2008), os fogos se dividiam em 4 tipos com características demográficas e socioeconômicas bem distintas. Além deles, haveria forma híbridas, mesclas desses tipos denominados puros. Seriam eles os camponeses, escravistas, autônomos (ou de artesãos) e os assalariados. Os dados da Tabela 11 mostram que os o crescimento da população livre deu-se, principalmente, nos domicílios camponeses e escravistas, que já eram, desde o início do período, maiores e mais representativos. O crescimento desses tipos, contudo, não ocorreu em ritmo muito superior ao da população livre, de uma forma geral, sendo de 1,3% a. a. para os camponeses e 1,5% para os escravistas. O domicílio autônomo foi o único tipo que sofreu diminuição do seu contingente, o que deve ser explicado pela sua própria constituição, pouco condicionada à reprodução humana.

Em relação aos escravos, apenas os tipos escravistas puros e aqueles que mesclavam características deste com de outros tipos (M2&3) é que tinham escravos, ao tempo em que foram classificados, pois ter escravo era um elemento constitutivo dessas categorias de domicílios (Tabela 12). Para além dessa constatação, os dados da Tabela 12 sugerem movimentos de mobilidade social, na suposição de se considerar a aquisição de escravos como algo que sugira ascensão social, aos

moldes de como escreveu Frank (2006).

**Tabela 11 – Distribuição de fogos, por seu tipo, e número médio e variação média de livres, entre 1831/32 e 1838/40. Minas Gerais, Termo de São José del Rei, década de 1830**

Tipos de fogos em 1831/32	Total de fogos		Número de livres						
	N.	%	1831/32				Variação entre 1831/32 e 1838/40		
			Média	Desvio Padrão	Total		Média	Desvio Padrão	Total
					N.	%			
<b>Total</b>	<b>1.384</b>	<b>100,0</b>	<b>4,7</b>	<b>2,9</b>	<b>6.487</b>	<b>100,0</b>	<b>0,4</b>	<b>2,5</b>	<b>531</b>
P1: Camponês	269	19,4	5,8	2,6	1.569	24,2	0,6	2,3	149
P2: Autônomo	209	15,1	3,4	2,1	702	10,8	0,0	1,9	-5
P3: Escravistas	456	32,9	5,9	3,2	2.701	41,6	0,6	2,9	289
P4: Assalariados	45	3,3	1,8	0,5	82	1,3	0,9	2,4	39
M2&3: escravista & autônomo	163	11,8	3,4	2,7	551	8,5	-0,1	2,8	-10
M1&4: camponês & assalariado	84	6,1	3,3	1,6	275	4,2	0,1	2,1	8
M2&4: autônomo & assalariado	31	2,2	1,9	1,4	60	0,9	1,0	2,0	32
M1&2: camponês & autônomo	66	4,8	5,6	2,1	367	5,7	0,2	2,5	10
Demais	61	4,4	3,0	2,0	180	2,8	0,3	1,8	19

Fonte dos dados básicos: APM - Listas nominativas da década de 1830

**Tabela 12 - Distribuição de fogos escravistas (\*), por seu tipo, e número médio e variação média de livres, entre 1831/32 e 1838/40. Minas Gerais, Termo de São José del Rei, década de 1830.**

Tipos de fogos em 1831/32	Total de fogos		Número de escravos						
	N.	%	1831/32				Variação entre 1831/32 e 1838/40		
			Média	Desvio Padrão	Total		Média	Desvio Padrão	Total
					N.	%			
<b>Total</b>	<b>702</b>	<b>100,0</b>	<b>7,0</b>	<b>10,4</b>	<b>4.894</b>	<b>100,0</b>	<b>1,3</b>	<b>6,4</b>	<b>896</b>
P1: Camponês	32	4,6	0,0	0,0	0	0,0	2,5	2,1	79
P2: Autônomo	11	1,6	0,0	0,0	0	0,0	8,9	20,8	98
P3: Escravistas	456	65,0	8,2	11,5	3.747	76,6	1,1	6,1	521
P4: Assalariados	1	0,1	0,0	-	0	0,0	15,0	-	15
M2&3: escravista & autônomo	163	23,2	6,5	8,4	1.057	21,6	0,5	5,6	83
M1&4: camponês & assalariado	9	1,3	0,0	0,0	0	0,0	1,8	0,8	16
M2&4: autônomo & assalariado	4	0,6	0,0	0,0	0	0,0	7,5	8,0	30
M1&2: camponês & autônomo	6	0,9	0,0	0,0	0	0,0	6,5	11,6	39
Demais	20	2,8	4,5	4,1	90	1,8	0,8	3,2	15

Fonte dos dados básicos: APM - Listas nominativas da década de 1830. (\*) Apenas fogos escravistas em 1831/32 e/ou 1838/40

Dos 896 novos escravos adquiridos (ou nascidos) ao longo do período, cerca de 30,9% estavam em domicílios anteriormente não escravistas, com destaque para os domicílios camponeses e os autônomos. Em que pese o fato de os fogos escravistas terem contribuído para o maior crescimento absoluto de escravos, o ritmo desse crescimento (de 1,9% a. a.) mostrou-se mais lento que o do total. O comportamento diferenciado dessas trajetórias permitem imaginar um quadro mais dinâmico que aquele que normalmente se supõe numa análise estática.

## Considerações finais

No presente, o texto apresentou alguns dados do termo de São José del Rei. Verificou-se, para esse território, um grande vigor do segmento urbano, apesar da natureza predominantemente rural das suas atividades econômicas. Em determinados momentos, os dados mostraram movimentos demográficos de certa forma já esperados, como o fato de que eram os domicílios chefiados por homens jovens aqueles que mais cresciam (refletindo o momento do ciclo vital dos mesmos), ao passo que os comandados por pessoas mais velhas tendiam a diminuir de tamanho, tanto pela diminuição de livres, quanto de cativos. Mas em outros momentos, os dados sugeriam mobilidade social (tanto de ascensão, quando de descenso) de forma mais categórica que os dados de natureza estática.

Deve-se levar em conta, todavia, que não só o banco do Termo de São José, como também o referente a todos os outros termos reconhecidos de Minas Gerais, estão incompletos, consentindo resultados, possivelmente, diferentes dos esperados. Por outro lado, assim que esse trabalho for concluído – abrangendo todas as suas “categorias”- será possível gerar análises com maior poder empírico, não só para a finalização do presente projeto, como também para ser base de futuros. Por isso, é importante que o leitor não enfoque somente nos resultados obtidos nas tabelas anteriores. São sim, dados elucidativos do Termo, mais não deixam de ser um pequeno exemplo do objetivo final da pesquisa.

O presente estudo, enfim, é, na verdade, uma primeira exploração de um banco de dados em construção que, no futuro, permitirá analisar aspectos evolutivos de domicílios de 89 distritos, em toda a Minas Gerais, ao longo da década de 1830, e, certamente, constituirá em fonte inesgotável para trabalhos de diversas áreas, na medida em que poderá subsidiar análises sobre transformações econômicas, tais como mobilidade econômica e ciclo vital das unidades produtivas; assim como demográficas, pois poderá fornecer elementos para compreender os componentes da dinâmica demográfica (natalidade, mortalidade e migração), dentre outros.

## Referências bibliográficas

- COSTA, Iraci del N. da. **Populações mineiras**: sobre a estrutura populacional de alguns núcleos mineiros no alvorecer do século XIX. São Paulo: IPE-USP, 1981. 335 p.
- COSTA, Iraci del N., NOZOE, Nelson H. Acheegas para a qualificação das listas nominativas. **Estudos Econômicos**. Instituto de Pesquisas Econômicas, São Paulo, v. 21, n. 2, p. 172-284, 1991.
- FRANK, Zephyr. Padrões de riqueza no sudeste do Brasil, 1815-1860. **História Econômica & História De Empresas**, São Paulo, v. 9, n. 2, p. 5-48, jul./dez. 2006.
- GODOY, Marcelo M. **Intrépidos viajantes e a construção do espaço**: uma proposta de regionalização para as Minas Gerais do século XIX. Belo Horizonte: Cedeplar/UFMG, 1996. 112 p. (Texto para discussão, 109).
- GODOY, Marcelo M. Nota sobre ciclo de vida e desenvolvimento econômico: o caso das atividades agropecuárias da província de Minas Gerais. In: XV Encontro Nacional de Estudos Populacionais. **Anais...** Caxambu: ABEP, 2006.
- GODOY, Marcelo M. Reconstituindo o movimento no tempo de uma estrutura da posse de escravos (Bonfim, 1832 - 1839). **LPH – Revista de História** (UFOP), Ouro Preto, v. 3, n. 1, p. 67-79, 1992.
- LASLETT, Peter; WALL, Richard (Orgs.). **Household and family in the past time**. Cambridge: University Printing, 1972. 623 p.
- LE PLAY, Frédéric, **La méthode sociale**. Paris: Méridiens Klincksieck, 1989. 653 p. Edição fac-similada.
- MALAQUIAS, Carlos. A organização do trabalho na unidade familiar de produção: estrutura Dos domicílios e ocupação da mão-de-obra. São José do Rio das Mortes, 1795-1831. In: XIV Seminário sobre Economia Mineira. **Anais...** Diamantina: Cedeplar/UFMG, 2010.



- NADALIN, Sérgio O. **História e demografia**: elementos para um diálogo. Campinas: ABEP, 2004. 248 p.
- RODARTE, Mario M. S. **O trabalho do fogo**: perfis de domicílios enquanto unidades de produção e reprodução na Minas Gerais Oitocentista. Belo Horizonte: Cedeplar/UFMG, 2008. 365f. Tese (doutorado em Demografia) – Centro de Desenvolvimento e Planejamento Regional, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008.
- SAMARA, Eni M. **As mulheres, o poder e a família: São Paulo, século XIX**. São Paulo: Marco Zero, 1989. 194 p.
- SAINT-HILAIRE, Auguste de. **Viagem pelo Distrito dos Diamantes e litoral do Brasil**. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Universidade de São Paulo, 1974.